

PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DO ALUNO AUTOR MEDIADA PELAS TIC: A CONTRAPARTIDA ESCOLAR

Lílian Kelly de Almeida Figueiredo¹

Ivanderson Pereira da Silva²

RESUMO

Este relato evidencia a necessidade da integração das TIC no currículo escolar por meio de práticas didático-metodológicas que permitem a ação dos alunos, tendo em vista, a construção do conhecimento. Baseia-se na reflexão acerca do cenário atual, da inserção das TIC e integração das mídias ao currículo escolar, o papel do professor e do aluno diante deste cenário e das relações entre estes atores em práticas pedagógicas mediadas pelas TIC. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa do tipo exploratório tendo como método de investigação o estudo de caso. O caso analisado é o de uma experiência de implantação de uma web-rádio em uma escola pública alagoana. Como resultados deste estudo, é possível afirmar que desde a formação inicial de professores e para além dela, deve-se trabalhar o emprego de metodologias que favorecem exatamente a autoria dos alunos e a formação de sujeitos autores.

Palavras-chave: integração das mídias, currículo, tecnologias da informação e comunicação.

ABSTRACT

This report highlights the need for the integration of TIC into the school curriculum through didactic and methodological approaches that allow the action of the students in view, the construction of knowledge. It is based on reflection on the current scenario, the integration of TIC and integration of media to the school curriculum, the teacher and student role in this scenario and the relationships between these actors in pedagogical practices mediated by TIC. This is a qualitative study with an exploratory research method as the study case. The case analyzed is an experience of deploying a web-radio in a public school from Alagoas. As results of this study, it can be said that since the beginning of the teacher education and beyond, you must work employing methodologies that favor the exact authorship of students and training of authors.

Keywords: integration of media, curriculum, information technology and communication.

¹ Socióloga, Mestre e Doutoranda da Educação. Professora Associada da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão.

² Físico, Mestre e Doutorando em Educação. Professor Substituto do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas

1. INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980 têm-se presenciado uma acelerada revolução tecnológica e com isso provocado verdadeira revolução em todos os setores da sociedade contemporânea com destaque para a economia (CASTELLS, 1999); a cultura (LEVY, 2000) e também a educação (SILVA, 2006).

Esta nova exigência mundial corroborou para que, na escola, a maneira como vinha sendo conduzido o processo ensino-aprendizagem fosse mais fortemente questionada. Claro que esse questionamento é reflexo também do avanço das pesquisas em educação e com especial destaque para as teorias cognitivas e da abordagem centrada no sujeito, do mesmo modo que a nova ordem econômica neoliberal também contribuiu para a ampliação das demandas escolares. No entanto, há de se considerar que o avanço na ciência bem como a nova ordem econômica encontram-se profundamente articulados com o avanço das TIC.

Essa nova conjuntura que situa o cenário contemporâneo na Sociedade da Informação exige que a escola prime pelo desenvolvimento de competências para trabalhar com as mais diversas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), bem como acompanhar a crescente velocidade com que novos mecanismos tecnológicos são criados.

Como reflexo desta nova ordem, as escolas começam aos poucos, a implementar recursos tecnológicos e a incentivar os professores a utilizá-los em suas práticas. Isto acontece por que aqueles que nasceram em meio a esta revolução tecnológica, têm outras expectativas com relação à escola. Não faz mais sentido se deslocar de sua casa para ouvir as preleções dos professores, por vezes descontextualizadas, se através da internet, na comodidade do lar, pode-se acessar um vídeo transmitido em tempo real, o qual faz tão bem ou até melhor do que faria o professor tendo em vista o hiato existente entre as demandas educativas e as reais práticas desenvolvidas nas escolas.

Mauri e Onrubia (2010) ao analisar as produções no campo da formação de professores para uso das TIC, evidenciaram que existem duas grandes categorias de trabalhos: os que elegem as TIC como responsáveis pela melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos (seja pela sua presença, seja pelo acesso que proporcionam a diferentes conteúdos, ou seja pelo fato de proporcionarem diferentes tipos de materiais e metodologias de ensino); e os que elegem a superação de paradigmas tradicionais em favor de uma postura ativa por parte do aluno mediada pelo professor diante das TIC (quer seja em favor de abordagens flexíveis, contemplando os diferentes estilos de aprendizagem, ou apoiadas em comunidades de aprendizagem e de prática).

Ao analisar essas produções, os autores supracitados afirmam que se por um lado, a presença das TIC no cenário escolar se faz necessária para atender as necessidades educacionais contemporâneas; por outro, sua inserção no contexto escolar, não representa nenhum ganho significativo, do ponto de vista da aprendizagem. Somente por meio de práticas pedagógicas que realmente valorizem a autoria do aluno e do professor é possível promover uma educação consoante ao cenário contemporâneo.

As TIC favorecem o encurtamento de distâncias geográficas, o repensar do tempo, a transposição de barreiras linguísticas, a aceleração das mensagens e a fluência das informações, quando bem utilizadas. Para aqueles que nasceram antes da emergência deste novo cenário tecnológico, pensar a gestão das TIC e seu implemento nos diversos setores da sociedade civil organizada é complexo, mas para aqueles que são contemporâneos deste avanço ou que nasceram neste contexto tecnológico, desenvolver competências para o uso eficaz das TIC em suas diversas atividades diárias, no trabalho e na educação, é não apenas importante mas extremamente fundamental e decisivo.

O desafio não está em ensinar os alunos a utilizar os mecanismos tecnológicos e midiáticos que emergem dia-a-dia, pois isto eles já fazem muito bem; o verdadeiro desafio está em favorecer a atribuição de sentido a esses recursos. Cabe à escola apontar direções de uso das TIC que favoreçam a construção do conhecimento. Desta forma, deve-se não apenas favorecer o desenvolvimento de competências específicas de cada uma das disciplinas do currículo, mas orientar esta sociedade que se organiza, tendo em vista a necessidade de desenvolver competências para gestão responsável das TIC.

2. INSERÇÃO DAS TIC AO CURRÍCULO

As inovações tecnológicas têm implicado em transformações nas mais diversas áreas, não diferente, no contexto educacional elas têm permeado com muita rapidez, configurando um novo cenário para o processo de ensino e aprendizagem escolar. Estas inovações decorridas da grande revolução tecnológica que se processou nas últimas décadas se desvelam na configuração de novas formas de interação favorecidas pelas potencialidades das mídias e sobretudo, pela Internet, se caracterizam pela composição de uma cultura eletrônica sustentada por linguagens e gêneros digitais.

Evidencia-se a necessidade da inserção e a integração das mídias ao currículo no âmbito escolar. Neste sentido, é importante destacar a formação de novos espaços de

interação e as novas formas de ensino e aprendizagem associadas às diversas possibilidades de trabalho com as TIC e mídias na sala de aula, pois oportunizam estratégias diversificadas para a incorporação a prática pedagógica.

Para Almeida (2007, p. 160)

[...] o domínio instrumental de uma tecnologia, seja ela qual for, é insuficiente para que o professor possa compreender seus modos de produção de forma a incorporá-la à prática. É preciso criar situações de formação contextualizada, nas quais os educadores possam utilizar a tecnologia em atividades que lhes permitam interagir para resolver problemas significativos para sua vida e trabalho, representar pensamentos e sentimentos, reinterpretar representações e reconstruí-las para poder recontextualizar as situações em práticas pedagógicas com os alunos.

Para que essas situações sejam criadas é preciso que professores, gestores e coordenadores estejam preparados para as transformações, a fim de vencer as resistências advindas da cultura tradicionalista e adquirir competências pedagógicas para o trabalho com as TIC.

Diversos estudos apontam a necessidade de desenvolver essas competências desde a Educação Infantil (ALMENARA, MENEZES e REGAÑA, 2009). É preciso favorecer espaços de docência e de aprendizagem nos quais o uso das TIC possa ser não apenas um momento pontual, no qual se "trabalha" com o livro didático impresso, o computador, o rádio ou a TV, mas que as diversas formas de mídias e tecnologias possam realmente ser incorporadas no trabalho pedagógico de todos os professores nas diversas disciplinas do currículo, em todos os níveis da educação, tendo em vista a necessidade de alinhar a prática escolar com os ideais contemporâneos de desenvolvimento humano.

A construção destes espaços de aprendizagem baseados em contextos mediados pelas TIC deve favorecer a emergência de alternativas metodológicas que se oponham ao método expositivo; deve favorecer o diálogo mais intenso entre aluno-professor e entre aluno-aluno; deve favorecer ainda às relações entre estes atores no sentido de construir conhecimento e não apenas transmitir informações. Para que estes espaços possam realmente se constituir enquanto terrenos férteis à emergência de novas metodologias de ensino e de construção do conhecimento, alguns itens devem ser considerados.

Na concepção de Nevado (2008), os espaços virtuais de docência, na perspectiva da aprendizagem, implicam presença e articulação de (i) uma concepção definida sobre conhecimento e aprendizagem; (ii) uma proposta metodológica coerente que concretize essa concepção de ações e interações; e (iii) suporte tecnológico potente e apropriado para apoiar e incrementar as atividades e trocas grupais.

Desta forma, é preciso ter claro, o que se pretende alcançar no implemento de tais metodologias, favorecer sempre o diálogo entre os atores nos espaços de aprendizagem e dominar tanto as interfaces nas quais se está trabalhando, quanto a metodologia a partir da qual se está desenvolvendo o trabalho pedagógico. Isto partindo do pressuposto de que a escola promove os meios necessários para o desenvolvimento deste tipo de trabalho.

3. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO A PARTIR DA INSERÇÃO DAS TIC AO CURRÍCULO

As mídias e tecnologias dispõem de inúmeros recursos de interação, comunicação e até mesmo de publicação, a partir de interfaces como fóruns, e-mails, chats, blogs, wikis, permitindo que professores e alunos se expressem de diferentes formas entre si.

Para que a escola possa aderir às inovações, principalmente a tecnológica, é necessário que leve em consideração a vida cotidiana do aprendente e daquele que está ensinando, pois cada um traz consigo elementos extrínsecos à realidade da escola, sendo estes relevantes dentro do espaço das relações que se estabelecem no ambiente escolar. No entanto, exige-se atualmente uma prática participativa, dialógica, democrática, coletiva e colaborativa.

O processo de ensino e aprendizagem deve ser desenvolvido por competências e habilidades, em que o professor e o aluno compreendam a sociedade em que estão inseridos.

Há de se considerar que sendo uma necessidade contemporânea, esses novos processos de ensinar e aprender pressionam por uma mudança de postura não só por parte do professor, mas também por parte de toda a comunidade escolar: alunos, gestores, pais de alunos, etc. Ainda é um processo novo para os alunos, que estão acostumados a aulas presenciais tradicionais e agora são desafiados a se posicionar e a se fazer autores na mediação com as TIC.

Diante da velocidade que a informação desloca-se e de um mundo em constantes transformações, o papel do professor vem sendo reformulado. Seja na maneira de ensinar, de conduzir a aprendizagem ou na sua própria formação que hoje se tornou permanentemente necessária. “O papel do professor [...] é, sem dúvida, o de garantir que algum processo educativo ocorra entre os alunos. [...] o papel do professor torna-se o de um facilitador”. (PALLOFF e PRATT, 2002, p. 102).

Desta forma, o professor, deve mais do que ensinar, mas ao mesmo tempo, articular experiências, mediar e facilitar o processo educativo, a fim de que o aluno reflita sobre suas relações com o mundo e o saber, assumindo, assim o papel ativo no processo de ensino e aprendizagem. “Quando discutimos o papel de facilitador desempenhado pelo professor, afirmamos que ele atua apenas como alguém que gentilmente conduz o processo educativo. A implicação disso é que aquele que recebe sua orientação – o aluno – é responsável por usá-la adequadamente”. (PALLOFF e PRATT, 2002, p. 110)

Desse modo, professores e alunos devem ressaltar a importância da troca de experiências, aprendendo juntos e refletindo juntos, um com o outro. Assim, como evidenciando por Palloff e Pratt (2002), quando professores e alunos se envolvem desta maneira com o processo de aprendizagem, estes aprendem a aprender, além de adquirirem a capacidade de pesquisar, questionar, analisar e pensar criticamente.

4. RELAÇÃO ALUNO-ALUNO MEDIADA PELO USO DE MÍDIAS E TIC

Alunos que se aventuram pelos espaços virtuais, que se comunicam com outros indivíduos em diferentes regiões do mundo rompendo as barreiras linguísticas, que interagem uns com os outros em jogos de realidade virtual, que com um clique conseguem acessar conteúdos da melhor qualidade em todos os formatos midiáticos possíveis, configuram na visão de Prensky (2001), uma categoria diferente daqueles que nasceram antes do avanço tecnológico ou dos que tiveram de se adaptar à tecnologia, por questões de qualquer natureza. Estes são os Nativos Digitais.

Pedir a estes alunos que silenciem durante um terço do dia, para que "ouçam com atenção" a fala do professor, que reproduz, seja com o quadro e o giz, seja com a lousa futurista, o modelo tradicional de ensino, é uma incongruência. Prensky (2001) aponta que os nativos digitais têm outras necessidades e outras expectativas com relação à escola. Esta deve se constituir enquanto espaço privilegiado de formação e incentivo à criatividade, autoria, de estímulo a metodologias ativas a partir das quais os alunos possam se assumir enquanto sujeitos responsáveis pela construção do conhecimento.

Os alunos que hoje compõem as salas de aula, nasceram em meio a esta emergência de tecnologias e delas fazem uso sem nenhum medo ou inibição. A tecnologia faz parte de seu cotidiano. Faz parte da cultura deles. Cada vez mais as

As pessoas têm percebido que o computador, assim como foi o rádio, o cinema, e a TV, não são a revolução ou a mudança. Eles favorecem a mudança, potencializam as dimensões humanas, mas a verdadeira mudança está no uso que se faz destes recursos, nas práticas.

Diante deste cenário, percebe-se que é a próxima geração, a dos nativos digitais, que efetivamente integrará as TIC ao currículo, não só pelo fato de terem nascido em meio a ela, dela fazerem uso e de estarem desprovidos do medo de ousar, mas principalmente por estarem desprovidos de preconceitos ou extremismos com relação a elas. De todo modo, é necessário que os nativos digitais, sejam formados numa perspectiva de ação com base reflexão e na leitura crítica do mundo, especialmente pelo fato desta geração necessitar de uma atenção especial com relação à gestão das TIC. As informações estão disponíveis em volume crescente. Informações de todo o tipo, em todos os formatos conhecidos, e também nos que estão sendo criados diariamente.

Ao mesmo tempo, que esta facilidade de acesso à informação representa um avanço, representa também um sinal de alerta. Para Levy (2000, p. 157), assim como a palavra *pharmakon* que em grego, representa ao mesmo tempo remédio e veneno, também assim o é os espaços promovidos pelas TIC. Ao mesmo tempo em que representa um dos maiores avanços da humanidade, também representa um perigo mortal se for mal administrado.

Desta forma, as TIC potencializam as funções humanas. Se nossos alunos não forem orientados de como lidar com estas potencialidades, se não forem formados numa perspectiva de gestão das tecnologias, é provável que, em doses exageradas, esses espaços venham a se constituir num veneno à próxima geração.

É importante que os professores não fechem os olhos para a realidade dos nativos digitais e não os encarem como receptáculos de informação. São a escola junto com os pais, os responsáveis diretos pela formação das próximas gerações e tendo em vista que esta estará totalmente imersa nesse cenário tecnológico, estratégias didáticas de formação com autoria, que promovam a autonomia discente, a criatividade, a reflexão com base na ação, a gestão das TIC, são fundamentais.

5. MÍDIAS E TECNOLOGIAS NO CURRÍCULO ESCOLAR

Até aqui, defendemos estratégias metodológicas ativas nas quais o professor atua como facilitador da aprendizagem e o aluno como o principal responsável pela

construção do conhecimento. Esses apontamentos teórico-metodológicos têm favorecido a emergência de diversas experiências didáticas nas escolas brasileiras.

O quadro abaixo sintetiza algumas possibilidades didáticas com o uso de diferentes mídias, com base na internet, que podem ser exploradas para fins educacionais.

Quadro 1 – Estratégias Didáticas com TIC

Linguagem	Interfaces	Estratégias Inovadoras
Mídia Impressa	Blog , Wiki	Produção textual em autoria coletiva, publicação de conteúdos na web.
Mídia Rádio	Podcast, Web-rádio	Trabalhos com paródias musicais, produção de documentários em áudio.
Mídia Televisiva	Youtube, TeacherTube	Produção de vídeos, entrevistas, curtas-metragens.

Fonte: os autores

Diante dessas múltiplas possibilidades didáticas com TIC, uma escola pública de ensino básico em Alagoas, tem promovido uma experiência interessante de como favorecer práticas pedagógicas a partir da inserção da mídia rádio e diversos recursos tecnológicos no currículo.

Desde o início do primeiro semestre de 2009, vem sendo desenvolvido nesta escola, o projeto de construção de uma rádio que tem como objetivo, criar espaços de aprendizagem que não estejam restritos aos limites físicos da sala de aula, ampliando a participação dos alunos no contexto escolar, incluindo os jovens em atividades produtivas em horário contrário ao das aulas.

A proposta consiste em que o resultado das produções dos alunos sejam incorporados ao material didático dos professores. Para isto, foi composto um grupo de trabalho inicialmente entre diretores, coordenadores, professores e alunos. Estes discutiram durante dois meses, em reuniões que aconteceram semanalmente no interior da escola, logo após o término das aulas, acerca dos objetivos e das metodologias a serem desenvolvidos no âmbito deste projeto.

Num primeiro momento, este grupo discutiu experiências de uso do rádio desenvolvidas em outras escolas públicas brasileiras e do exterior (BRASIL, 2008; ASSUNPÇÃO, 2001; GONÇALVES e AZEVEDO, 2004; JANE, 2004; SILVA, 2009) para perceber qual seria o modelo de rádio que melhor atenderia aos objetivos do projeto e que melhor se ajustaria ao orçamento da escola.

Após analisar os modelos de rádio propostos no curso de Mídias na Educação - Ciclo Intermediário (BRASIL, 2008) e ao modelo de Rádio Comunitária (JANE, 2004), o grupo optou pela web-rádio, tendo em vista que esta dispensa os procololos e processos jurídicos que são necessários aos que desejam implementar uma Rádio Comunitária; seu custo é bem menor que de uma Rádio Pátio, sua execução envolve um número bem maior de alunos que uma Rádio Restrita e os programas poderão ser acessados e recuperados por todos aqueles que tiverem interesse independente de espaço ou tempo, tendo em vista que os programas estarão no formato de Podcast e assim disponibilizados no site da web-rádio podendo ser acessados a qualquer momento, síncrona, ou assincronamente (HEIDE e STILBORNE, 2000).

Após as reuniões, iniciaram-se o processo de elaboração e composição da programação da Rádio entre gravações de entrevistas, documentários, programação musical, programas de radioteatro, dicas de vestibular e curiosidades, e notícias. Neste momento, os sujeitos envolvidos perceberam a necessidade de incluir este projeto ao currículo escolar.

Como proposta, um dos alunos apresentou a criação do site da web-rádio. Realizados os devidos ajustes pelos demais sujeitos envolvidos, foi elaborada a distribuição dos programas de acordo com os horários, conforme o quadro abaixo:

Quadro 2 - Programação geral da web-rádio

Público Alvo	Horário	Programação Geral						
		<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>	<i>Sábado</i>	<i>Domingo</i>
Público em Geral	0h às 1h	Programação Musical variada e músicas produzidas pelos alunos da escola						
	1h às 2h							
	2h às 3h							
	3h às 4h							
	4h às 5h							
Público em Geral	5h às 6h	Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, dicas de vestibular, curiosidades						
	6h às 7h							
Publico Juvenil / Adulto	7h às 8h	Documentários, dicas de vestibular, curiosidades, músicas produzidas pelos alunos da escola, programação musical variada						
	8h às 9h							

	9h às 10h	
	10h às 11h	
	11h às 12h	
Público em geral	12h às 13h	Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, programação musical variada, dicas de vestibular, curiosidades
Público Infantil / Adulto	13h às 14h	Documentários, dicas de vestibular, curiosidades, músicas produzidas pelos alunos da escola, programação musical variada
	14h às 15h	
	15h às 16h	
	16h às 17h	
Público em Geral	17h às 18h	Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, programação musical variada, dicas de vestibular, curiosidades
	18h às 19h	
Público Infante / Juvenil	19h às 20h	Documentários, dicas de vestibular, curiosidades, músicas produzidas pelos alunos da escola, programação musical variada
	20h às 21h	
	21h às 22h	
Público em Geral	22h às 23h	Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, dicas de vestibular e curiosidades
	23h à 0h	

Fonte: os autores

A distribuição dos blocos foi pensada de acordo com o público que estaria assistindo a programação síncrona da Rádio. No horário da manhã (7h às 12h) os alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental (1º Ciclo) estão assistindo aula na escola e desta forma, inicialmente não estariam acompanhando os programas da Rádio. Desta forma, a programação está voltada aos interesses do público adulto (pais, funcionários de apoio, professores, alunos do turno noturno) e adolescentes (alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental - 2º Ciclo; aluno do ensino médio regular do turno vespertino). No horário de 13h às 17h, a programação está voltada para o público adulto e para o público infantil, e no horário de 19h às 22h para o público infantil e adolescente.

Nos horários entre a troca de turnos, foram considerados os horários "nobres" e sobre eles recaíram todo o cuidado e atenção tendo em vista que é exatamente nestes que convergem

um maior número de ouvintes. Privilegiamos inicialmente a exibição de dicas de vestibular e curiosidades, notícias, documentários, músicas compostas por alunos da escola e entrevistas nestes horários exatamente por ser este o momento em que uma maior quantidade de ouvidos estarão direcionados à programação.

De acordo com cada dia da semana, o conteúdo dos programas seria alternado inclusive a programação musical. Ficou acordado que todo o conteúdo veiculado na rádio é resultado das produções dos alunos. O professor de Literatura poderia solicitar de seus alunos que formassem grupos e que compusessem um jogral para recitar um determinado poema e que usassem sua criatividade para os efeitos sonoros. O resultado destas gravações seria veiculado em um determinado dia, mesclado às outras produções.

O professor de Física poderia solicitar de seus alunos que formassem grupos e que compusessem alguma paródia musical tendo como pano de fundo algum conteúdo da Física, e que eles gravassem esta paródia e a publicassem na web-rádio. Tais iniciativas valorizam o trabalho dos alunos e o material produzido pode vir a ser utilizado por outros alunos e até mesmo pelos próprios professores em suas aulas. Os pais também poderiam acompanhar as produções dos alunos via web-rádio

A atividade proporcionou um ambiente favorável ao desenvolvimento social e cognitivo dos alunos, através do trabalho colaborativo no desenvolvimento dos Podcast; estimulou a participação e a presença dos alunos em horário integral dentro da escola, produzindo e reproduzindo informações, criando conhecimento e desenvolvendo habilidades profissionais no campo das TIC e da radiodifusão; criou um ambiente no qual os alunos podem se expressar e divulgar de forma aberta eventos, cursos, palestras, produções culturais, músicas criadas por eles ou editadas, ou reproduzidas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a escola possa se constituir enquanto *locus* de formação do cidadão para atuar na sociedade contemporânea, esta deve não apenas favorecer o diálogo e a interação, mas também - e principalmente - a produção a partir dos espaços de aprendizagem. "Aos alunos é disponibilizado o acesso às informações, mas raramente à produção das mesmas" (OLIVEIRA e CASTILHO, 2009, p. 268), e o fazer na ação se constitui enquanto peça chave para a construção do conhecimento.

Quando a escola começar a trabalhar nesta perspectiva, de produção, de uso eficaz dos espaços de aprendizagem e das interfaces da internet, bem como de reflexão e estímulo a curiosidade dos alunos, estaremos indo em direção a uma autêntica formação do aluno autor.

Faz-se necessário também que nos cursos de formação inicial e continuada de professores, estas metodologias sejam discutidas, analisadas e implementadas. Ou seja, desde a formação inicial de professores e para além dela, deve-se trabalhar o emprego de metodologias que favorecem exatamente a autoria dos alunos e a formação de sujeitos autores na prática!

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. Integração de tecnologias à educação: novas formas de expressão do pensamento, produção escrita e leitura. In: VALENTE, José A.; ALMEIDA, Maria E. (orgs). **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

ALMENARA, Julio C.; MENESES, Elóy L.; REGAÑA, Cristóbal B. Experiencias universitarias innovadoras con blogs para la mejora de la praxis educativa en el contexto europeo. Universidade Oberta de Catalunya: **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**. Vol. 6 n° 2, 2009, p. 1-11.

ASSUNPÇÃO, Zeneida A. **A rádio na escola: uma prática educativa eficaz**. Disponível em: <http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/aradioescola-N2-2001.pdf> Acesso em 15 out 2009.

BRASIL. **Conteúdo do Módulo do Rádio** - Curso de Formação Continuada em Mídias na Educação - Ciclo Intermediário 2a oferta. Brasília: SEED, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** – (A era da informação: economia, sociedade e cultura). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HEIDE, Ann; STILBORNE, Linda. **Guia do professor para a internet completo e facil**. 2a ed. Porto Alegre Artes Medicas Sul, 2000.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; AZEVEDO, Adriana Barroso. **O Rádio na escola como instrumento de cidadania: uma análise do discurso da criança envolvida no processo**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/alaic/boletim21/elizabeth.htm> Acesso em 15 out 2009.

JANE, Tomáz José. **O papel das rádios comunitárias na educação e mobilização**

das populações para os programas de desenvolvimento local em Moçambique.

Disponível em:

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/viewPDFInterstitial/1164/910> Acesso em 15 set 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MAURI, Teresa; ONRUBIA, Javier. O professor em ambientes virtuais: perfil, condições e competências. COLL, César; MONEREO, Carles. (orgs.). **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 118-135.

NEVADO, Rosane Aragón. Espaços virtuais de docência: metamorfoses no currículo e na prática pedagógica. In. BOMN, Iara; TRAVESIM, Clarice; EGGERT, Edla; PERES, Eliana (orgs.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender**: políticas e tecnologias. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. XIV Endipe, Livro 4.

OLIVEIRA, Sirlene de Castro; CASTILHO, Telma Maria dos Santos. As tecnologias da informação e comunicação. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 23, n. 45, p. 259-276, jan/jun. 2009.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**: estratégias eficientes para salas de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants**. Disponível em: www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf Acesso em 04 fev 2009.

RODRIGUES, Cleide A.; LIMA, Daniela C. Avaliação online: interfaces do aprender e o ensinar. In. SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. **Avaliação da aprendizagem em educação online**: fundamentos, interfaces e dispositivos, relatos de experiências. (orgs). São Paulo: Loyola. 2006.

SILVA, Ivanderson P. **Projeto de rádio na escola**: primeiras ações. Disponível em: <http://www.cedu.ufal.br/evento/epeal2009/> Acesso em 30 out 2009.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.